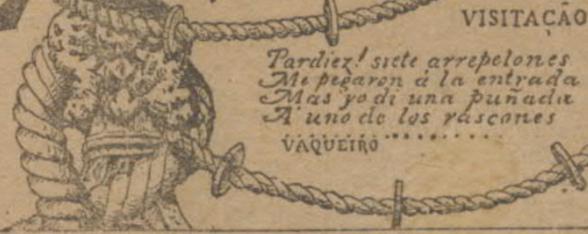




# GIL VICENTE

Semanario Monarchico-Integralista  
(Litterario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da J. M. Integralista local  
Redacção e Administração:  
AVENIDA DO COMÉRCIO



Director e editor, **Pedro de Freitas.**  
Secr. da Redacção, **M. A. d'Oliveira.**  
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa  
Rua de Santo Antonio, 133 e 135

CRONICA RELIGIOSA

## A EGREJA NÃO É RETROGRADA, MAS SIM PROGRESSIVA

Causa asco vêr tantas creaturas, que se dizem racionais, bolsarem calumnias contra a Igreja, acusando-a de incompatível com as sciencias e artes, mas que não passam de uns ignorantões.

Combatem a Igreja por causa da pureza dos seus Dogmas, por reprehender os vicios que alimentam estes taes analfabetos, cuja vida é mais irracional do que racional.

Outros occupam-se de negar á Igreja uma Fundação Divina, negando tambem a Jesus-Christo. Logo a Igreja e Jesus-Christo não passam de uns mythos para estes farçantes que não teem consciencia do que dizem e do que fazem ou do que rabiscam com as mãos que sustentam o corpo.

Ha outros que conhecem a verdade, mas para serem agradaveis a outros eguaes a elles, começam de ataca-La, acoiando o Clero de imbecil, ignorante, madraça e mais mimos que teem lá por casa em grande escala.

Vamos apresentar aos olhos d'esses pobres diabos uma phalange de padres que se deitam á sombra de qualquer arvore, levando uma vida toda ociosa como esses taes magafrefes que nada fazem ou dizem que algum geito tenha.

Comecêmos pelos Chefes da Igreja e assim temos um grande numero de Papas que protegeram as sciencias e as artes e são elles: Adriano I, Leão III, Leão IV, Sergio II, Anastacio III, Silvestre II, Innocencio II, Celestino II, Innocencio III, Clemente V, Bento XII, Urbano V, Martinho V, Eugenio IV, Nicolau V, Calixto III, Pio II, Paulo II, Sixto IV, Julio II, Leão X, Clemente VII, Paulo III, Julio III, Pio IV e Pio V, Gregorio XIII, Sixto V, Gregorio XIV, Clemente VIII, Paulo V, Urbano VIII, Innocencio X, Pio IX, e tantissimos outros.

O Padre Victorino del Corona, de Alviro, inventou o papel amianto.

O conde de Perrochel, no parlamento francez, no dia 4 de Julho de 1879, disse: «A Igreja contou sempre a instrucção entre os seus primeiros deveres. Antes da Revolução, a Igreja e a Universida-

de tinham entre si as melhores relações!...

«A expulsão dos Jesuitas, em 1762, deu um golpe terrivel na instrucção. Em 1789, havia 542 collegios que instruíam 72:000 discipulos, dos quaes 40:000 recebiam instrucção gratuita». M. Villemain, no seu relatorio de 1842, reconhece que antes de 1779 frequentavam as escolas umas creanças sobre trinta e que em 1842, a proporção era de uma sobre trinta e cinco.

O mesmo aconteceu em Portugal e está acontecendo, porque houve instrucção e hoje... fallaremos em capitulo á parte.

O Padre Frederico Faura contribuiu com as curvas symetricas para o conhecimento perfeito das observações meteorologicas, Frei Thomé de Jesus escreveu os *Trabalhos de Jesus*; o inventor do telegrapho foi o Padre Brude, da *Ordem de S. Bento*; o nosso Padre Bartholomeu de Gusmão, inventou o balão; os Padres Agostinho Novo e Buceta deram á estante, em 1850, o *Diccionario Geographico e Estatistico*; na India, foi, pelos Padres Jesuitas, a imprensa introduzida ou os primeiros livros allí impressos; o Padre Antonio d'Andrade descobriu o Thibet, em 1624; o Padre Lapom foi condecorado pelo Rei da Inglaterra; o Abbade de Mathieu inventou o eixo propulsor.

Que diremos de Fenelon, membro da Academia franceza e arcebispo de Cambrai? Elle que é chamado o Racine em prosa? O frade Antonio Dauzas passou o tempo a escrever, desenhar, pintar e orar. Todos conhecem o Mosteiro de S. Bernardo, fundado por frades.

«Foi assim, diz o Padre Armand, que no seu collegio de *Zikarveis*, junto a Shanghai, conseguiram fundar um importantissimo observatorio de meteorologia, donde o Padre Decherrens envia regularmente as suas observações e interessantes notas aos physicos de todo o mundo». Na Austria, os Padres das *Escolas Pias*, teem 24 collegios com 388 religiosos e 7594 alumnos.

O Padre Luiz Malveszi foi pintor, architecto, poeta, musico, comediographo e historiador. A escola naval d'Arca-

chon foi fundada pelo Padre Baudvan; o Padre Jaubert defendeu, na Sarbonna, as theses: *As equações que se encontram na theoria das transformações ellipticas*; o Padre Reviezo foi o primeiro que reduziu a metodo uma *grammatica e diccionario da lingua Kabyla* e creou cinco escolas francezas que eram sustentadas pelo seu zelo e dedicação.

Um padre portuguez, prior da igreja de Avellão, é inventor de uma engenhosa sage. O

## ECOS DA SEMANA

### COMENTANDO...

Os senhores conhecem aquele antigo official de diligencias que ainda ha pouco nós viamos á porta do escritório do advogado sr. dr. Rocha dos Santos? O Macêdo...? Não conhecem o Macêdo?...

Pois este infeliz perdeu há dias as suas faculdades mentais andando por ai sujeito ás vaias grosseiras e malcreadas do «garotio» que pelo Toural e Largo Prior do Crato se vê diariamente irrequieto e atrevido, com o consentimento da policia... que existe não sabemos aonde...

Também nos dizem que criaturas que usam gravata se dão ao prazer de o chasquear nos estabelecimentos onde o infeliz entra, muitas vezes levado pela mania do dinheiro, obrigando-o a disparatar e a proferir termos menos educados e mal sonantes...

E' de lastimar o procedimento destas criaturas pois só compaixão e respeito lhes devia merecer o pobre e infeliz Macêdo.

Da velhice e da loucura não deve rir-se ninguém... Portanto mais amor e carinho pela infelicidade alheia porque a sociedade exige do homem humanidade cristã...

«Deus castiga sem pau nem pedra»...

O Fado... Quem resiste ao Fado? Não ha ninguém... ninguém que possa resistir-lhe! Desde o Amor até ao chefe da policia, todos gostam de ouvir uma guitarra a «soluçar triste e apaixonada» os doces harpejos a delectarem de néctar o seu espirito folgasão...

«Oh! «filhos!» Tocai e cantai-me o Fado!»

Certa noite... certa noite... Que lindo! que graça! que mimo! A calçada da rua Nova serviu de «salão de baile» aos apaixonados do fado «batidinho»... Se até o chefe, encantado pelos «calores» de Baco, meteu o seu pé de dança, saracoteando-se, animado, ao ouvir a «harmonia» duma garganta a supurar a alcohol e a tabaco!...

Aqueles «bigodes» dão-lhe respeito!

Como é feliz! Guimarães!... Tens um pobre louco corrido pela «rapaziada indigena»... garotos a insultar senhoras no jardim publico... policias a entregar cartas a pedir votos... Policia por... um «óculo»...

Saberão dizer-nos se cá existe o sr. sub-delegado da hygiene pública? Ou iria sua ex.ª cumprimentar a Lisboa o sr. Tomé...?

E' favor, quando chegar a Guimarães, que sua ex.ª dê um passeio ali pelas bandas do kiosque e tome um pouquinho daquele «perfume» que exala o mictório que lhe fica ao lado...

missionario Padre José Antonio Maria Hleiapina, fundou 17 estabelecimentos para orphãos e creanças abandonadas. Quem é o inventor do relógio solar de repique senão o parcho de uma aldeia franceza? Quem foi que emancipou os povos e lhes deu a verdadeira liberdade, egualdade e fraternidade, senão a Igreja? Trilogia bendita que as Lojas dos I... desvirtuam e dão-lhe um sentido totalmente diverso.

O invento para dar consistencia de metal a tubos de couro, é propriedade exclusiva de um padre de Millão; do relógio do sol é auctor o Padre Germano de Annecy.

E, por hoje, basta; voltaremos ao assumpto.

Nem o sabonete «Taipas» ou a essencia do cravo lhe ganham, sr. dr. ....

Plantado o mictório no meio das aguas do rio Ave nem estas serão já capazes de o lavar, tam entranhado está o «perfume» que ainda a gente vem cá longe e já nos causa nauseas...

Oh! senhor dr.!, pelo amor de Deus e do Próximo, tenha dó da nossa rica saúde!...

A senhora Câmara, se quizesse, também podia dar remedio. Alguém lhe roga por alma da falecida... dissidência.

Dizem por aí que nas eleições para deputados, realizadas no último domingo, apareceram muitissimos monárquicos manuelistas nas três assembleias da cidade a votarem a sua listinha, apesar de, numa reunião, se propôr a máxima abstenção eleitoral, o que foi aprovada, em vista do Centro Católico reinar no consentimento da inclusão do seu candidato na lista governamental.

E' certo que com o caso nada temos, mas contudo não queremos deixar passar sem comentários o procedimento de individuos que, condenando o Centro Católico pela sua nenhuma coerência, foram votar, uns nos dissidentes, outros nos democráticos e outros ainda nos liberais e católicos... O que se torna sensorável é o facto de, muitos d'elles, na lista governamental, cortarem o nome do deputado católico e substituirem-no pelo do sr. M. Felgueiras. Ora verdade, verdade: a partida feita ao candidato católico ou, antes, ao Centro, nada tem que a recomende. Foi uma partida de que mais tarde se hão-de arrependar, tenham a certeza disso, quando um dia pretenderem atacá-lo...

O Centro procedeu menos honestamente, e os manuelistas, que não foram ás urnas por causa do acôrdo liberal-católico, menos honestamente procederam ainda pois indo muitos d'elles votar num declarado e intransigente inimigo da Igreja Católica, como é M. Felgueiras, traíram a abstenção que haviam votado....

Aonde estaria a policia na noite da ultima terça-feira? Não farão o favor de nos dizer!... Ha pouco passeiava ella, mostrando-se metida num sino, quando o sr. Fraga a ensarpejou decentemente, mas agora... agora misterio que só a vinha do Senhor pode desvendiar....

O' da... videl! O' da guarda! Acode ás noites, ali, ao jardim publico, não vá repetir-se a mesma pouca vergonha que a garotice dos rapazes costuma pôr em acção, provocando senhoras com os mais atrevidos gestos e indecentissimos palavrões!...

DOMINÓ AZUL.

O invento para dar consistencia de metal a tubos de couro, é propriedade exclusiva de um padre de Millão; do relógio do sol é auctor o Padre Germano de Annecy.

E, por hoje, basta; voltaremos ao assumpto.

P.º Candido A. Ramos Caldas.

## Mais uma vez...

Final a resposta que *O Comercio* prometeu aos meninos do *Gil* nada tem de sensacional, como o *reclame*, de que veio precedida, fazia prever.

O que nessa resposta se contem nem confirma nem destrói as afirmações por nós feitas. E', em suma, uma resposta que redonda num elogio muto ao mesmo *Comercio*. Ora nós quando fomos forçados a vir a publico repôr nos seus devidos lugares a noticia que o *Comercio* — e nós confirmamos — transcreveu do *Diario de Noticias*, de Lisboa, não tivemos em mira apoucar os revelantes serviços que o *Comercio* tem prestado na luta contra a república de barrete frigio. Já por mais que uma vez temos feito as melhores referencias a *O Comercio* e muito especialmente ao seu director sr. Antonio Machado, o bravo combatente da Galiza. Simplesmente desejavamos, e conseguimos, provar que a tal dissidência integralista havia sido aumentada proposadamente, conforme os nossos prezados leitores tiveram occasião de apreciar na local incerta no nosso numero 117. Mas o que tambem não deixamos de estranhar é a afirmação que *O Comercio* faz, — naturalmente é desculpa —, de que não lê o nosso prezado colega de Lisboa a *Monarquia*. Pois faz mal. Então como é que *O Comercio* quer orientar as suas afirmações? sómente pelo que lê no orgão do sr. Anibal — o rei da Barroca? Mau sistema é esse. Se *O Comercio* tivesse lido a *Monarquia* — se é que na verdade a não leu nem lê — certamente não teria vindo com a noticia a publico evitando-nos assim o desgosto desta polémica, que já teria terminado se *O Comercio* não viesse novamente meter *bedelho* para se... elogiar.

Mais nos diz *O Comercio* que não foi elle quem nos prometeu a revelação das tais *noticias sensacionais*, mas sim o seu colaborador *Cyrano* que, diz, actualmente se encontra doente — o que deveras lastimamos — mas que esse seu colaborador ha-de porem cumprir a promessa sem que nós fiquemos com vontade de lhe dar o merecido correctivo... Está *O Comercio* muito enganado neste ponto. Venham as tais *noticias sensacionais* e nós lhe diremos.

Mais lhe lembramos que naturalmente essas *noticias sensacionais* são aquellas que o seu predilecto orgão do rei da Barroca — *O Correio das Manhãs* — tambem prometeu revelar, o que até agora não fez apezar do repto que lhe foi feito em a *Monarquia* e que lhe valeu o merecido epíteto de caluniador. Lembra-se *O Comercio*?

Depois continua: «Nesta casa nunca se tremeu, ante ousados e atrevidos carbonarios que nos devassavam o lar, muito menos ante os rapazes do *Gil* que ainda havemos de ver dentro das fileiras donde nunca deviam ter saído.» Quanto á primeira parte está muito bem. Escusa de nos temer porque nós não temos feito para devassar a lar de *O Comercio*, nem qualquer outro, porque não temos a indole carbonaria do roubo e do assassinato, dos defensores da gamela republicueira. Quanto á segunda parte continuaremos, como até aqui, nesta trincheira do Resgate, a luta de morte contra as repúblicas, quer elas sejam de barrete ou manto, continuaremos defendendo a Monarquia das Corporações, da Inteligencia e do Trabalho, dos Municipios e das Provincias, representada por S. A. Real o Senhor D. Duarte II de Portugal. Não temos nada a alterar ao nosso procedimento havendo até, para nos mantermos nele com novas razões, a alta lição da proclamação poltica que, no nosso ultimo numero, publicamos em nome da Senhora Duquesa de Guimarães, a *Joana d'Arc* do movimento da Galiza. E isto compreende-se. A consciencia nacional não cai na puerilidade, hoje ridicula, de aspirar á recém-fundada Monarquia. Para a boa alma portugueza — e o proprio Monsanto, que a piçarrice do *Piçarrinho* renegou, (não sabemos se *O Comercio* sabe deste facto) o disse — a Monarquia mindelista, a Monarquia cartista que *O Comercio* defende, foi e continuará sendo um prefácio da república. Quem desarmou o 19 de Janeiro logo do seu inicio foi o cunho cartista — a unica coisa que o Sr. D. Manuel perdoou ao sr. Paiva

"A Nossa Razão e a Nossa Força"

SABERÃO

Fazer a Monarquia!,

Paris, 22 — Começou pela leitura do relatório da livraria da *Action Française*, feita por René Theetien, a 3.ª sessão do Congresso. Mostra os extraordinários progressos da Livraria no ultimo anno, quer em edições quer em vendas. Faz uma rápida resenha dos livros publicados, exgotados quasi todos. Pela Livraria foram distribuidos pelas provincias 72.000 exemplares da carta do sr. Duque de Orléans. Depois de um debate que sugeriu interessantes alvitre, M. Ferrant observou, tendo lido o extracto da sessão de ontem, que Saint Etienne não é país conquistado pelos bolchevistas, antes pelo contrario.

Sobre a Nova Livraria Nacional fala o seu proprietario Georges Valois que mostra o extracido diario prestigio das suas publicações, nomeadamente da *Revue Universelle*. «De 1912 a 1920 os livros desta Livraria tiveram 3 milhões de leitores. A influencia das nossas ideias, atravez do mundo e das sociedades civilizadas, principalmente as nações latinas, levantou, numa direcção nova, o prestigio intelectual da França, cuja decadencia tinha evidentemente começado.

A mudança consideravel que se produziu em França na alta opinião publica, sob os pontos de vista politico, sociologico, literario, historico, encontrou o seu paralelo correspondente, no estrangeiro; nós fizemos compreender que as ideias tem um papel consideravel no mundo e que é necessario conhecê-las e maneja-las se se quiser conduzir os negócios dum país ou os negócios privados. Aquelles que até agora julgavam sufficiente, para um homem pratico, conhecer a tecnica da sua profissão, sabem hoje que existe uma outra tecnica superior que regula todas as questões.

Em França e no estrangeiro, nós não levantamos somente entusiasmos, mas inspiramos também emprezas. A nossa Livraria tem mesmo tomado parte nas mais importantes iniciativas profissionais. Ela viu cair os preconceitos que contra si existiam, pela sua boa vontade e pelo seu valôr pratico. Ela honra-se de ter tomado parte na fundação da Casa do Livro que traz a marca do novo espirito que anima a vida franceza, e junta á união sagrada no dominio moral, a união na ordem do trabalho e da economia».

Terminando este bello relatório, Valois anuncia que cada vez mais se aproxima a luta entre os potentados financeiros que oprimem ainda a industria do Livro, e as energias novas. E' preciso que os nossos amigos impeçam as partidas que queiram fazer ás nossas edições. Amanhã sai o *Vers le Roi* de Daudet. Estejam vigilantes!

Henri Massis fala sobre a *Revue Universelle*, encerrando-se

em seguida a sessão que reabriu á tarde, começando pelo relatório sobre organisação do serviço das Conferencias, lido por Paul Robain. Sobre o mesmo assunto falam Bernardo de Vesins e o comandante Droncard, que mostrou a enorme utilidade dêsse serviço. Fala-se de diversos *camelots du Roy* que tem ido contraditar as conferencias dos adversarios.

Jean Collot fala sobre a mão de obra civil — ou seja a organisação contra o bolchevismo em todas as suas manifestações.

Georges Valois, lê o relatório da Confederação da Inteligencia e da Produçãõ Franceza. Sobre o mesmo assunto falou o Conde de Lur-Saluses, Léon Daudet e Remy Nasier, o fundador do Sindicato Ferroviario, que recorda esta frase de Maurras:

«E' facto que a República e a Democracia estão hoje perdidas para a administração publica». O discurso dêsse operario produziu a mais profunda e admiravel impressãõ.

Para terminar a sessão, falou Charles Maurras completando o discurso iniciado na vespera sobre a politica da *Action Française*.

Diz que o problema politico é a base de todos os outros. Tem confiança na Mocidade. Fala da organisação da Produçãõ, como é preconizada por Valois. O nome do trabalhador Lucien Martin, *Camelot du Roy* actualmente prezo, é entusiasticamente aclamado por Maurras e pelos milhares de assistentes.

«Hoje reina, abertamente, S. M. o Dinheiro. Todos o confessam. Mas se nós o conhecemos, ele ignora nos. Ele caracteriza-se pela sua compreensão limitada aos interesses particulares; usurpador, inconsciente, se dirige, é para o naufragio. Se estivesse em França a Monarquia, eles seriam realistas, porque só comprehendem o regimen em que vivem e não julgam modificá-lo.»

Maurras mostra como tem sido mais facil convencer das verdades eternas os humildes. Compreende-se. Os potentados veriam a sua nefasta acção limitada pela patronica acção do Rei, o Chefe dos chefes.

Se nós tivéssemos meio de conseguirmos falar a todos os francezes patriotas, todos viriam para esta Cruzada, ficando só fora della os judeus e os arrivistas. As nossas imensas forças presentes garantem o nosso futuro. Se os grandes o compreendessem, a reforma social e nacional far-se-ia com uma rapidez e uma facilidade incomparáveis.

Mas a nossa força é um facto. A nossa razão é outro. E' difficil manifestá-lo! E' bastante fazê-las conhecer. *Elas saberão fazer a Monarquia.*

ÉTIENNE DUBOIS.

AVISO

Vamos enviar por este correio o «Gil Vicente» a alguns nossos amigos de Leiria, Batalha e Ourém, cujos nomes nos foram indicados por um dedicado integralista. Pedimos a todos que nos não queiram honrar com o auxilio da sua assinatura, a finesa de nos devolver o jornal.

Em caso contrario, procederemos á respectiva cobrança.

A Administração.

Pela Penha!

Rinda o caso do HOTEL

Cá estamos nós novamente, presado leitor, ás voltas com o decantado — sem encanto — caso do Hotel da nossa linda estancia da Penha, a mais formosa e linda que os meus olhos viram ainda (vá lá um bocadinho de Camões para não enfasiar).

Fiz juramento de não recolher á suntuosidade melancólica e sacra do meu convento, cujas pedras tem sido vergastadas pela fúria dos ventos e chuvas inverniaes, sem vêr este caso resolvido, ou, pelo menos, em vias de resolução. Cumpriremos a nossa jura? Não o sabemos. Isto caminha com tanta pressa de andar de vagar que é um encanto. Porém cá iremos com a ajuda de Deus e de todos os Santos da Celestial Corte.

Na minha ultima e primeira crónica dei conhecimento a quem me leu de alguns casos de bastante importancia — cremo-lo nos — para a resolução e conhecimento do assunto.

Vamos hoje continuar com a nossa descripção certos de que alguma coisa faremos em abôno da Penha e dos Vimaraneses, meus conterrâneos.

Ora muito bem. Falamos nós na forma como se pôde obter o dinheiro para a edificação da casa de despacho e arrecadação de alfaias a que, mais tarde, deram a denominação de Hotel da Penha. Falamos, também, de um voto de confiança que pela Meza da Irmandade de N. S. do Carmo da Penha foi dado ao sr. Magalhães, que era o encarregado da administração das obras. Vamos falar agora da resolução tomada pela Meza, em reunião da mesma, no dia 26 de Julho de 1896, cuja acta é do teor seguinte:

«Aos vinte e seis dias do mês de Julho de mil oitocentos e noventa e seis, reuniu a meza gerente sob a presidencia do nosso irmão Ex.º Comendador Manoel José Teixeira, actual Juiz. Aberta a sessão pelo nosso irmão secretario Ex.º Francisco Joaquim da Costa Magalhães, foi apresentado o seguinte:

Que ha poucos dias tinha recebido uma carta do Ex.º Fernando de Castro Abreu Magalhães, residente na cidade de Petropolis, Estados Unidos do Brazil, o mais insigne benefactor da nossa formosa Penha. Junto da mesma carta uma letra do valor de cem mil reis, cuja applicação indicava ser para a obra do novo templo consagrado a Maria Santissima, incitando, também, a que proseguisse activamente e que se faça o maior possivel, autorizando mais a proceder á encomenda de uma Imagem da Virgem de Lourdes para ser venerada no respectivo templo; em vista, pois, do desejo dêsse benemerito cavalheiro e tendo também varios individuos oferecido alguns donativos com igual applicação, torna-se indispensavel e até urgente que se dê principio á mesma obra a fim de excitar os fideis a concorrerem entusiasticamente para esse grandioso monumento de fé e piedade, de religião e patriotismo, dedicado á honra e glória de Maria Imaculada, Padroeira desta Nação Fidelissima.

Apresentada a planta dêsse novo templo e escolhido o lugar onde se tem de edificar, determinou a Meza que sem dilacão de tempo se dê comêço, ficando encarregado e autorizado o nosso irmão Ex.º Francisco Joaquim da Costa Magalhães, actual secretario, para tratar e fiscalisar a referida obra, bem como tudo o que diga respeito á prosperidade e engrandecimento da Penha. Não havendo neste acto mais nada a tratar foi encerrada a sessão. (ass.) Francisco Joaquim da Costa Magalhães, Manuel José Teixeira,

Manuel Luis Carreira, José Teixeira dos Santos e Francisco Antonio Alves Mendes.»

Depois... ah! mas agora reparamos que já temos ultrapassado a linha divisória do espaço que nos foi gentilmente cedido e, além disso, já Febo se vai encaminhando rapidamente para o seu banho no Oceano. Principiam as trevas. A sineta do convento já chamou á oração e á clausura. Paciencia! Continuaremos no proximo numero se o reumatismo, que já me vem atacando grandemente, m'o permitir. Da licença, Frei André? Boa noite!

FREI GIL (sem habito).

P. S. — Para evitar confusões, cumpre-me dizer que Frei André não é aquele frade que o sr. Júlio Dantas nos deu no D. Beltrão de Figueirôa.

F. G. (s. h.)

«Romagem a Coimbra»

Devido á amabilidade d'um nosso amigo podemos offercer hoje aos leitores do «Gil Vicente» os tres formosissimos sonetos com que o poeta insigne que que é o Dr. Sebastião de Carvalho commemora o vigesimo quinto anniversario da sua formatura, sob o titulo que nos serve de epigrafe. Eis os:

A «linda Inês»

Nas aguas dêsse rio ainda murmura Da «linda Inês», a voz chorosa e amante; E parece que nelas, flutuante, Se espalha a sua pallida figura...

Em lembrança de amor que sempre dura, Porque apenas durou um só instante, Um eco aqui repete, semelhante, Dêsse constante amor a eterna jura!

Por entre alfombras e por entre flôras, Nesta terra de encanto e de saudade, Sultã agora a «Fonte dos Amores»...

Já o luar da lenda nos invade... O' meus amigos! vêde-a! já sem côres, A «linda Inês»,! — a nossa mocidade!

II

O toque da «cabra»

Tão pontual a «cabra», e diligente A' mesma hora sempre vinha; E a sua voz, que era uma regra, tinha O aviso, o conselho dum parente...

A velha «cabra», conhecia a gente... E embora nos traçasse a recta linha Que ao exacto dever nos encaminhava, Era odiada e temida como um lente!

Nenhum de vós, por certo, a esqueceu! Mais tarde soube que rachou, morreu Com honra, no seu posto, badalando...

Pobre amiga! por nós tão mal julgada! O' «cabra»,! ainda és tu, nessa toada, Que ao dever nos estás sempre chamando...

III

Matar saudades

Vim de longe até vós com a ansiedade De aqui voltar e vos tornar a vêr. E' sempre mais ardentes esta saudade Quando a gente começa a envelhecer.

Ainda o coração se persuade O mesmo tempo antigo reviver; E voltamos, num lino á mocidade, Para mais nos lembrar e... entristecer.

Como a hidra de Lerna, que á medida Que cabeças lhe cortam mais renasceam, E' a saudade assim recrudescida!

Vim saudades matar; mas não euidei Que mais pesadas penas me ficassem, Pois em vez de as matar — as aumentei!

Ex.º Sr.

Dr. Alberto Monsaraz

A bordo do «Arlanza», chegou na passada segunda-feira a Lisboa o distinto escritôr e ilustre director do nosso presado colega «a Monarquia», sr. dr. Alberto Monsaraz.

Depois de uma ausência de quasi dois annos, o sr. dr. Alberto Monsaraz, combatente e mutilado de Monsanto, volta á Pátria de que estava exilado, para continuar a batalha do Resgate.

O «Gil Vicente» saúda o ilustre director de «a Monarquia», enviando-lhe os seus cumprimentos e os protestos da mais leal e firme camaradagem na luta aberta contra os assassinos da Pátria.

Passeio á Penha

Os sócios do Club de Caçadores e Atiradores de Guimarães realiza hoje, na nossa formosissima e pitoresca Penha, um jantar de confraternisação entre as suas familias.

Às 11 horas será celebrada missa pelo rev. sr. António Garcia e, finda esta, haverá, entre outros animados divertimentos, tiro ás esferas.

Que gosem muito os alegres rapazes, que nós, se a Virgem da Gruta nos ajudar, subiremos a Sua montanha para contemplarmos a graça das «Donas e Donzellas», e ouvirmos as risadas da Natureza ao despedir-se do Sol mergulhado no leito do Oceano...

Antonio Machado

Viudo de Vigo, onde permaneceu cerca de dois annos, regressou a esta cidade o ilustre director do nosso presado «O Comercio de Guimarães», sr. Antonio Joaquim de Azevedo Machado.

O «Gil Vicente» envia ao bravo soldado da Galiza os seus cumprimentos mais affectuosos.

Dr. Pedro Guimarães

Promovido por um grupo de amigos muito dedicados, realisa-se no proximo dia 22 do corrente, em Vizela, um jantar de despedida ao distinto clinico e nosso ilustre conterraneo sr. dr. Pedro Guimarães, que, em fins de Julho, retira, com sua ex.ª familia, para a cidade do Porto, onde vai fixar residencia.

Necrologia

Faleceu há dias o muito estimado chefe de vias e obras da Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães, sr. Antonio de Oliveira Ramos, que entre os vimaranenses contava grandes sympathias e estima.

Era pai dos nossos presados amigos srs. Adriano, Avelino e Luis Oliveira Ramos.

Os restos mortais foram conduzidos no passado domingo, em comboio especial, para Santo Tirso, donde o extinto era natural.

— A's familias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

Falta de espaço

A falta de espaço obriga-nos a retirar a noticia referente aos brilhantes espectaculos realísados no nosso primeiro teatro pela aplaudida Companhia Silvestre Alegrem, de Lisboa. Diverso original teve igual destino que só no proximo numero será publicado.

Couceiro (não sabemos se O Comercio tambem ignora este facto).

Esse cunho cartista gelou o verdadeiro povo num scepticismo tam justo como intimamente doloroso.

Se assim não fosse, o fracasso épico de Monsanto não poderia preludiar o 13 de Fevereiro, e o povo, batido em Lisboa, saberia triunfar no resto do país.

Escusa, pois, O Comercio de contar com a nossa adsvagem, porque nós, os rapazes e os meninos do Gil, não nos deixamos levar por lambetas de qual quer Nova Gôa ou pelo desmiolado parlaviado do orgão do rei da Barroca ou, ainda, pelas comicas piçarrices do súbdito minimo.

Temos dito.